

## A pele como pa(i)sagem

### La piel como pa(i)saje

### The skin as landscape/passage

Antonio Almeida da Silva<sup>1</sup>

Glòria Jové Monclús<sup>2</sup>

Mariane Schmidt da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** A proposta dessa escrita apresenta a pele como territórios existenciais capazes de conectar diferentes práticas de escrita e pesquisa. A linguagem (tecido) capaz de instaurar um outro modo de pensar, de novas formas de perceber-fazer e habitar nas diferentes camadas da pele enquanto pa(i)sagem. A pele está em processo de transformações constantes e contínuas, está para além do território epidérmico, compõem diagramas (passagem), um dentro e um fora, um eu e um outro, interface entre nós e o mundo. Exploramos esses feixes metafóricos de entender a pele como uma pa(i)sagem, tal olhar nos possibilita um modo de pensar o corpo como um lugar de experiência multissensorial/multidimensional.

**Palavras-chave:** Escritas; Arte; Passagem.

**Resumen:** La propuesta de este escrito presenta la piel como territorios existenciales capaces de conectar diferentes prácticas de escritura e investigación. Un lenguaje (tejido) capaz de establecer otra manera de pensar, nuevas formas de percibir-hacer y habitar en las diferentes capas de la piel en cuanto al pa(i)saje. La piel está en un proceso de transformaciones constantes y continuas, está más allá del territorio epidérmico, compone diagramas (pasaje), un adentro y un afuera, un yo y un otro, una interfaz entre nosotros y el mundo. Exploramos estos paquetes metafóricos de comprensión de la piel como un pa(i)saje, esta visión nos permite pensar en el cuerpo como un lugar de experiencia multisensorial/multidimensional.

**Palabras-clave:** Escritos; Arte; Pasaje.

**Abstract:** This article explores the skin as existential territories capable of connecting different writing and research practices. The language (fabric) is capable of establishing new ways of thinking, of perceiving-doing and inhabiting the different layers of the skin as landscape. The skin is in a process of constant and continuous transformations, it is beyond the epidermal territory, it composes diagrams (passage), an inside and an outside, the I and the other, an interface between us and the world. We explore these metaphorical bundles of understanding the skin as a passage/landscape, thus allowing us to think of the body as a place of multisensory/multidimensional experience.

**Keywords:** Writings; Art; Skin; Passage.

## Pelos, poros da pele

“O mais profundo é a pele”.  
Paul Valéry

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>2</sup> Universidade de Lleida, Espanha.

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Campinas.

Introduzimos ao leitor essa escrita, a expectativa do toque do olhar, das mãos sobre a tela ou papel impresso, neste ato, ao direito à primeira aproximação com o texto. Essa aproximação háptica, que, em primeiro momento, pode despertar ao leitor algo de distinto: rejeição, animosidade, aproximação, conexão e até mesmo suspensão.

Do encontro, do toque e dos processos daquilo que se aproxima do que compreendemos de afeto. Buscamos escrever com o corpo todo, escrever com a pele, não somente com as mãos, mas uma escrita feita da cabeça aos pés. A pele, muito além de um órgão/tecido, comunica-se com o mundo para além do tato e o toque, mas sobretudo, comunica-se na sua dimensão “sensorial da experiência<sup>4</sup>”.

Compartilhamos ao leitor alguns exercícios de escrita, trazendo uma reflexão sobre como a arte contemporânea nos ajuda a romper fronteiras epiteliais e nos pôr em contato com aquilo que separa o encontro com o corpo, podendo integrar o ser no mundo. Projetamos aqui um exercício de eutonia por meio de uma escrita atenta às sensações.

Nessa escrita com o corpo, uma eutonia que acessa o território epidérmico de forma distinta, trazendo uma contribuição poética, filosófica, estética e ao mesmo tempo política através da arte, experimentando e desafiando a pensar em outras práticas e exercícios através das imagens impulsionados pelo contato com a arte, que desafia a romper com as concepções tradicionais da ciência e que experimentam diferentes formas de perceber o contemporâneo.

### **Topografias epiteliais: pele como uma pa(i)sagem**

Entender a pele como uma pa(i)sagem que faz o corpo, onde tudo está interligado, tudo é fluxo e contato/contágio. Paisagem como uma cartografia social que convida Anne Cauquelin (2007) a pensar em novas categorias cognitivas e psicossociais para a paisagem nas suas categorias afetivas e sociais. A pele como paisagem é um entre, um todo dentro e um todo fora. A pele-paisagem (*pay*<sup>5</sup>) é um território, mas que também é um modo de agir e sentir.

Entendemos, assim como Guattari (2001), em buscar inventar e desenvolver outras maneiras e práticas específicas de existir, práticas que instituem uma articulação ética-política entre as três ecologias (meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana). “O que quer que seja, parece-me urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas científicas para

---

<sup>4</sup> Fricção envolvendo muitos sentidos – Hapticidade que nos conecta com as experiências que estão no mundo.

<sup>5</sup> A palavra paisagem tem origem etimológica no francês "paysage", que, por sua vez, deriva de "pays".

forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas” (Guattari, 2001, p. 18).

Aportamos nesse referencial teórico nossa maneira particular de entender as práticas ecológicas e educativas. Nesse sentido, propomos pensar a pele, não em sua dimensão anatômica e fisiológica, mas como lugar de passagem e ao mesmo tempo paisagem (ambiental, histórica, cultural e social). Não podemos separar o meio ambiente das relações sociais e culturais, muito menos das relações ecológicas.

Poder compreender a pele por uma diversidade de práticas e criar modos de estar juntos na produção de coletivos de experimentação. Modos de habitar o território e fazer dele nosso próprio ambiente, pois, segundo Tim Ingold (2012) não se pode conceber um organismo sem um ambiente, assim como, não se pode conceber um ambiente sem um organismo. Na pele tudo é transformação, troca numa ecologia dos processos. Pele é um lugar de transformação, de imaginação, uma estranha ecologia que atravessa o corpo, em meio a um conjunto de trocas.

A pele como uma paisagem, a paisagem também pensada como uma “cartografia social” Cauquelin (2007), que nos levam a pensar nas ecologias do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana” (Guattari, 2001) e nas novas categorias cognitivas e psicossociais para paisagem nas suas categorias afetivas e sociais.

Pensamos em sair da percepção convencional que temos sobre o que conhecemos e sabemos sobre a pele para pensar novas visualidades, na hapticalidade, escapando do dualismo, numa interação profunda entre o real e o imaginado.

A pele como paisagem também nos separa do espaço, “barreira, fronteira, casca: a pele que o mundo tem” (Castro, 2022, p. 2), um dentro e um fora, um eu e um outro. Corpos, signos que, literalmente, situam o “eu” no tempo e no espaço.

– Comecei a arrancar a pele das coisas. Queria ver o que havia debaixo. Ergui a superfície do assoalho, que saiu inteira, sem quebrar. Tive de descascar a pele dos tijolos, aos poucos, com paciência. A pele do cimento era a mais fina de todas e a dos azulejos refletia como um espelho. Debaixo destas peles parecia haver outra pele, idêntica porém enrugada. Retirei mais esta camada e o enrugado da superfície aumentou. Fui retirando camadas sucessivas, cada vez mais onduladas e acidentadas. (...) Por trás de cada pele, portanto, encontrei apenas formas degradadas da pele superficial. Ainda que os dados não sejam suficientes, devo concluir que esta primeira camada não recobre um interior diferenciado, mas é a expressão mais estável deste interior, que a repete monotonamente (Ramos, 1993, p. 32-33).

A paisagem também nos separa do espaço, um dentro e um fora, um eu e outro. É entremeio entre a experiência de dentro com a experiência de um fora. A pele é um veículo,

abrigo de paisagem/veículo de passagem. A pele enquanto paisagem, às dobras da natureza, um modo de habitar no/do mundo, gestos de interação entre humanos e não humanos. A pele pa(i)sagem é como pele, pode ser sentida, vivida e experimentada a partir do corpo. Estranha paisagem, estranha passagem, entranha a pele, na experiência háptica do contágio. Para o filósofo Emanuele Coccia (2020), cada espécie é a metamorfose de todas aquelas que vieram antes dela.

Uma mesma vida que molda para si um novo corpo e uma nova forma para existir de uma maneira diferente. É o significado mais profundo da teoria da evolução darwiniana, aquela que a biologia e o discurso público não querem ouvir: as espécies não são substâncias, entidades reais. Elas são ‘jogos de vida’ (no mesmo sentido que falamos de ‘jogo de linguagem’ para o discurso), configurações instáveis e necessariamente efêmeras de uma vida que gosta de transitar e circular de uma forma em outra (Coccia, 2020, p. 14).

Se pudéssemos perceber que a pele tem sua biografia, camadas de tempo e histórias depositadas, as montagens das repetidas camadas de matérias no espaço, perceberíamos a delicadeza nas metamorfoses da transição da vida, nas mudanças de comportamentos e costumes.

**Figura 1:** Venice Void de Jana Euler, 2022.



Fonte: Site do artista<sup>6</sup>.

A pele é passível de afetar e ser afetada, se expressa nos afetos e suas potências entre a vida e a morte. A pele carrega um sentido muito mais amplo do que o tato e o toque, ela atua como um “sensor” da experiência, que produz a sensação de ser e estar no mundo. Para além

<sup>6</sup> <https://www.museum-brandhorst.de/en/collection/venice-void/>

da pressão, da dor, do calor, do prazer, dos movimentos, da temperatura, da fricção e de muitos outros sentidos, a pele nos abre possibilidades vasculares entre imagens, escritas e produções coletivas. Pensar a pele, o toque e as consequências que isso tem para a transformação política é fundamental também para o processo de produzir pesquisas.

Pele como experiência de contato e contágio, órgão que tece sensações, possibilidades táteis, modos de agir e ser no mundo. Por meio da epiderme com seus pelos e poros que experimentamos, agimos, atuamos e vivemos no Mundo. É através da pele que sentimos o mundo, que sentimos o outro e com o outro.

A pele é a sustentação e abertura tátil, hapticidade, eixos para atuar no mundo, capacidade de sentir pelo outro e com o outro. A pele e sua territorialidade, subsumindo todas as maneiras de domesticar, os territórios existenciais, que, de acordo com Guattari (2001), podem ser concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade. Suely Rolnik ostenta que “a pele é um tecido vivo e móvel, feito das forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc.” (Rolnik, 1997, p. 1).

A pele que é a roupa do corpo, que nos veste. A pele, assim como o corpo, “é esse lugar único existencial (e até mesmo político) sobre o qual se sobrecarregam, se recolhem e se curvam todas as determinações da vida” (Uno, 2012, p. 61). A pele é atemporal, permeia todo tempo, não sai da moda, para alguns quando envelhece, lhe incomoda. A pele “é um campo de batalha onde se entrecruzam as forças visíveis, invisíveis, a vida e a morte, onde se encadeiam as redes, os poderes e todas as bobagens ‘sociais’” (Uno, 2012, p. 61). A pele não está livre das capturas das ecologias mentais, do mercantilismo das etiquetas. A pele não está livre das operações midiáticas e do invólucro da moda, pois somos uma sociedade baseada em imagens, nos sustentamos em padrões estéticos e consumimos o mundo através das sensações.

Zanco (2017), em sua dissertação “Cartografias sentimentais na pele”, nos estudos sobre as obras de Debord, nos explica que, por sermos uma sociedade visual e sentimental, a indústria cultural nos presenteia com vasto menu de bombardeios emocionais, estimulantes e que nos satisfazem sensorialmente. A indústria cultural e midiática precisa necessariamente criar desejos e reforçá-los, colocar o corpo como objeto de conquista e de desejo. A pele não escapa dos privilégios e da desigualdade, quase sempre impostos pelos regimes de beleza.

A ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os "mistérios" da

vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc. Sua maneira de operar aproximar-se-á mais daquela do artista do que a dos profissionais "psi", sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade (Guattari, 2001, p. 16).

A pele que é suspendida pela singularidade telemática, nem sempre se faz refém. Ela (de)vaga, a pele sempre será um lugar de poder e, também, de resistência. A pele, assim como o corpo, aqui é compreendida enquanto potência de afetar e ser afetada, ou seja, que vibra e emana na sua porosidade.

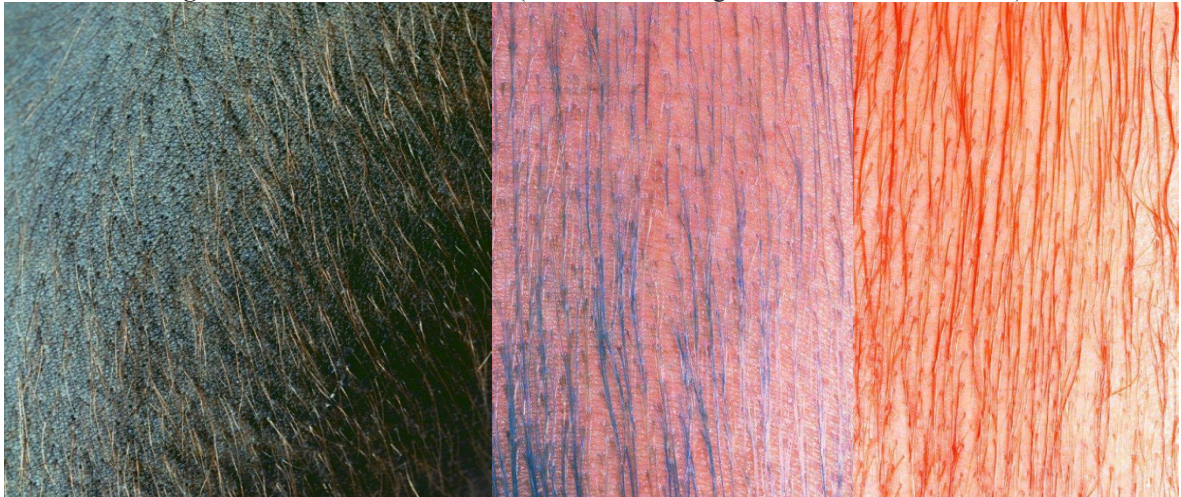
### **Dobra da pele: sensações em contágio**

Pele. Superfície de contato. Porosa. Passagem para afundamentos internos, subterrâneos, sensíveis. De onde irradiam, por todo lado, impulsos nervosos. Linhas possíveis de variação. Plano para atualização dos possíveis. Zona de transfiguração. Metamorfose. Zona de combate entre-mundos. Ecossistema, habitat para multiplicidade. Maior órgão do corpo com suas estruturas microscópicas de fluidez invisível. Mundo que se dobra na pele. Potência de afetar e ser afetado. “O afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 22). Pela pele fazemos alianças, entramos em composição com outros seres e outras forças. Evocamos existências simbióticas. Pele, superfície do devir.

Imagens vêm como blocos de sensação. Obras de artistas contemporâneos e imagens de elaboração próprias ajudam a cartografar a pele enquanto pa(i)sagem. Com as imagens, pensamos a pele enquanto superfície porosa que faz atualizar o tempo e criar mundos outros. Imagens como linhas de tempo. Como o próprio tempo pode se costurar no corpo. As imagens, assim, quase desaparecem, compondo-se com pensamentos-escritas sobre a pele. Imagens e escritas como marcas, compostas como cicatrizes no papel. Fazendo redes. Para criar novas imagens. Sempre novas imagens.

Retratos sobre a pele. Uma reinvenção. Brincar nela com as cores, com aquilo que sai por ela. Desfazer o exterior, interromper uma certa constância do corpo que cresce já determinado, interromper a linearidade que se quer do tempo, com cores, com jogos, com cortes, com dores e marcas.

**Figura 2:** Obras de Rafael Assef (M.I. 28, 2004; Lagoon Blue, 2002; Fire; 2002)



Fonte: extraídas do portfólio do artista<sup>7</sup>

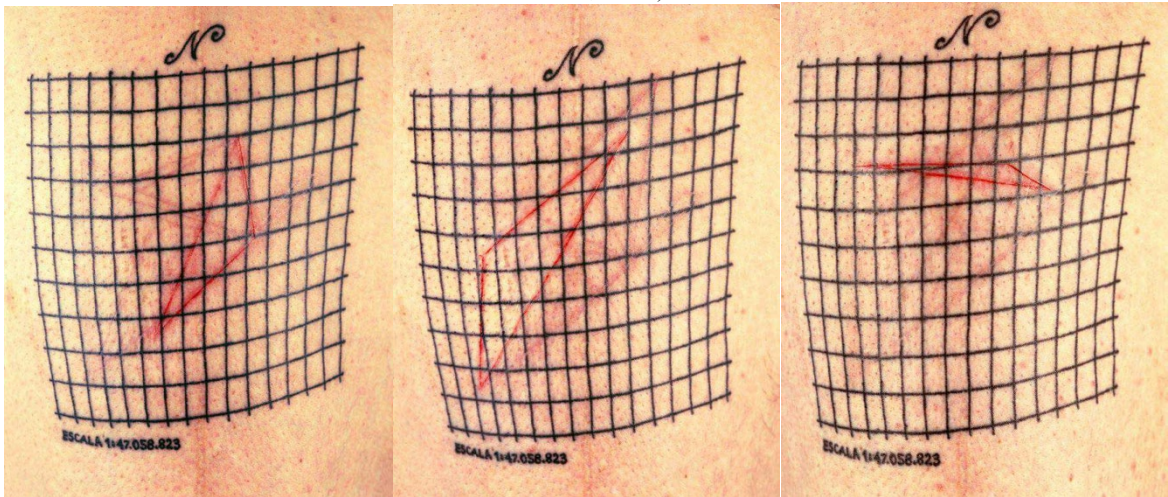
Corrompe-se com cores (cor-dispositivo) a matéria orgânica que vem do lado de dentro da pele (azuis, vermelhos, verdes os pelos; a própria pele-superfície tingida de preto), a matéria orgânica que vaza de dentro para fora como uma expressão anômala. O que pode o colorido dos pelos em plano fechado? O detalhe evidencia a epiderme que se abre para deixar passarem às estruturas destoantes. O que é este ser que não se revela por completo na fotografia, mas deixa o vestígio de uma diferenciação? Que corpo se pode desenhar para além do plano fechado da foto a partir da cor-dispositivo? Um ser multicolorido que faz borrar fronteiras entre natural e artificial trazendo para a pele outros tons.

Subverter a função da pele, fazendo jogos em sua superfície. Subverter a função dos próprios mapas desenhados, cartografias epidérmicas evidenciando latitudes e longitudes, com linhas-cicatrices por entre os poros. Tudo é o traçar de linhas orgânicas. Linhas orgânicas sobrepostas que sobrepõem também linhas temporais, (des)dobrando um novelo temporal da vida de alguém, se dobram ainda em imagens que não cessam em transbordar. Ir para além das bordas. Se a pele é um limite, foi feito para ser ultrapassado.

---

<sup>7</sup> [www.galeriavermelho.com.br](http://www.galeriavermelho.com.br).

**Figura 3:** Obras de Rafael Assef (Cartografia aos 27 anos, 2004; Cartografia aos 31 anos, 2004; Cartografia aos 33 anos, 2004)



Fonte: extraídas do portfólio do artista.<sup>8</sup>

Em Cartografia, uma fábula do passar dos anos, uma série de anos intensivos condensados em um ano só. Uma vida produzida no encontro com essas marcas. As cicatrizes fazem múltiplas camadas temporais se encontrarem na superfície da pele. Porções de vida em cicatrizes ainda na epiderme. A pele é um órgão que se manifesta por matérias, fluidos e secreções que se fazem expelir. A vida atualizada pelo sangue fresco a cada corte. O sangue fresco, vermelho, vazando não marca o agora, mas sim o atualiza conforme se entrelaça com as cicatrizes de tempos outros. Suturação/reparação um ciclo de renovação contínua, da camada mais profunda, mais banal, mais granulosa, a mais superficial, com o qual temos contágio/contato.

Vida e morte são fluxos constantes. O corpo se põe nesse fluxo, em jogos de viver e morrer, sendo marcado por forças de composição, assim como vento, água e fogo marcam e desenham a superfície de uma rocha. Forças por vezes violentas como uma tempestade em alto mar, por vezes suaves como a brisa solar. Marcas que não apenas contam histórias do tempo, mas desdobram o próprio tempo em si, como se vazasse de dentro delas. Fendas do tempo na superfície da pele. “O tempo não é a história. Há qualquer coisa catastrófica no tempo que transborda a história. E o corpo, enquanto pura gênese, envelope esse tempo nas dobras da carne. O tempo se abre com esse corpo desvencilhado de órgãos, esse autômato refeito pelos fluxos intensivos e flutuantes da vida” (Uno, 2012, p. 61).

<sup>8</sup> [www.galeriavermelho.com.br](http://www.galeriavermelho.com.br)

**Figura 4:** Pé, Quatro Painéis, John Coplans, 1988.

Fonte: Site do artista<sup>9</sup>.

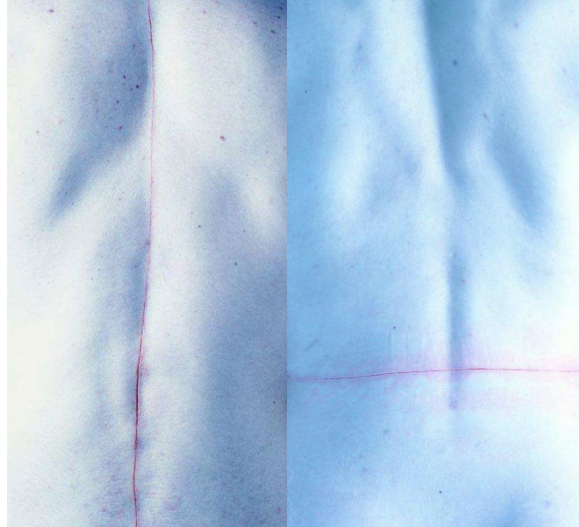
O ritmo do tempo, ingrediente intrínseco, sensivelmente tangível, está nas camadas e camadas de pele sobrepostas uma à outra. Camadas repletas de fissuras, através das cicatrizes do passado que projetam o corpo para o futuro. A velhice como uma textura que leva a pele a outras consistências e faz buscar novos formatos de expressão, cortes, gretas, ranhuras, linhas que dão à pele uma impressão de um mapa, uma cartografia. A pele, portanto, vaza e atualiza o que há ao seu redor. Na pele, passado, presente e futuro se encontram num tempo não-cronológico. Aion, “no fundo, a vida e o corpo nada mais são que a mesma coisa, mas, para que sejam verdadeiramente o mesmo e o corpo seja digno da vida, será preciso descobri-lo em sua própria força de gênese, em seu próprio tempo” (Uno, 2012, p. 61).

A coluna de sustentação. E a anti-coluna da rebeldia. O que significa traçar uma coluna na superfície da pele? Fazê-la submergir do interior ao exterior? E operar modificações neste órgão central de suporte. E desafiar sua engenhosidade biológica. E tramar novas engenhosidades orgânicas. Que corpo é agenciado com a coluna que se abre a partir do corte fresco na pele? Que corpo vaza dali? Que modos de locomoção são convocados com uma anti-coluna? Quais formas esse corpo-humano assumiria?

Segundo Lazzarato (2014, p. 22), “a possibilidade revolucionária pode sempre ser localizada a partir de uma impossibilidade que ela torna real, e pelo fato de que um processo se desencadeia secretando outros sistemas de referência exatamente ali onde o mundo se achava fechado”. Interessa aqui deixar escoar novos sistemas de referência dentro e fora do domínio da arte. Deixar-se modificar, deixar que o pensamento trace seu próprio caminho em fluxo criativo, enquanto novos mundos são gestados, enquanto seres de colunas horizontais ganham vida no pensamento, na escrita, no mundo e trazem consigo as mais diversas microrrevoluções.

<sup>9</sup> <https://www.johncoplanstrust.org/foot>

**Figura 5:** Obras de Rafael Assef (Coluna, 2002; Anti-Coluna, 2004).



Fonte: portfólio do artista<sup>10</sup>

A coluna sempre se conforma com a sua posição evolutiva na genealogia da vida, assegurando seres bípedes em suas determinadas configurações, cultivadas por séculos e séculos. Seres verticais. Já a anti-coluna quer subverter a postura desses corpos, propondo outros modos de locomoção, um desaprendizado de movimentos já codificados. Propondo, talvez, um engatinhar-se, ou arrastar-se como faria uma serpente. A anti-coluna deseja um corpo horizontal e, como um ato ético-estético-político, desafia lógicas evolutivas, eficiências comportamentais, fisiológicas e ecológicas. Ela cede às forças gravitacionais, agencia seu próprio modo de se fazer corpo. A anti-coluna que pulsa com o sangue que colore a pele, que se contrasta à palidez desta humanidade conformada, é um manifesto imagético biológico.

E, de algum modo, ambas as colunas estão grafadas na pele, sendo colunas não vertebrais, não fragmentadas, sem ligamentos, sem articulações. Apenas como linhas finas ainda frescas, pulsando, visíveis, vermelhas. Linhas não têm fim, e as colunas também não. Elas se estendem além dos limites da imagem. Ambas colunas abertas em corpos latentes.

A artificialização da estrutura epidérmica, os cortes, as formas desenhadas, os mapas traçados, a superfície sugerindo metamorfoses intensivas. Intervenções no corpo como pura expressão de metamorfoses ou metamorfoses vazando através de intervenções corporais. De qualquer modo, estar com a multiplicidade das marcas tem isso em latência: qualidades de uma diferenciação que vem não importa de onde, está impressa ali, continuamente.

---

<sup>10</sup> [www.galeriavermelho.com.br](http://www.galeriavermelho.com.br)

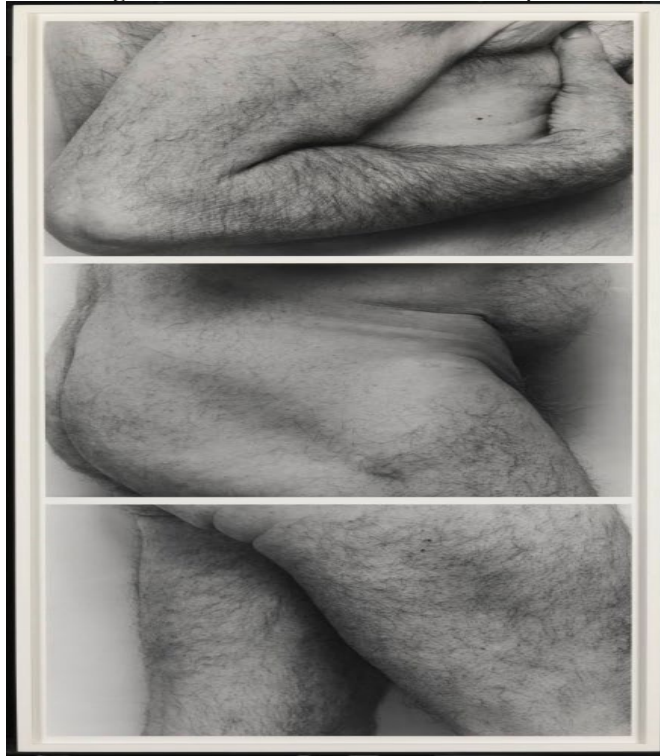
**Figura 6:** Imagens de cicatrizes e marcas dos corpos de alunas do curso de pedagogia da UdL.

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Fazer das marcas um território. “É a marca que faz o território” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 128). Pensar o corpo como obra de arte, como essa matéria de expressão. Deleuze e Guattari (2012, p. 129) enunciam que “a arte é primeiramente cartaz, placa” que, em seguida, vai devir estilo. Assim como os peixes de corais e suas cores vibrantes, ou os pássaros com seus cantos que “articulam o ritmo e harmonizam a melodia” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 133) que carregam consigo essa matéria de expressão, elaborando ao seu redor um território que parte de seu corpo, pensamos a pele, também, como superfície de um movimento artístico. Como território grafado por marcas: manchas, cicatrizes, rugas, tatuagens. Um território que é sempre singular, sempre cartografado à medida de um tempo não-linear, à medida que o corpo se lança ao mundo, à medida do contágio e das dobras que se aprofundam nas existências. “Se for preciso, tomarei meu território em meu próprio corpo, territorializo meu corpo: a casa da tartaruga, o eremitério do crustáceo, mas também todas as tatuagens que fazem do corpo um território” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 135).

O que há mais de interior e exterior em nós, pela orbita entre o familiar e a estranheza. A pele com suas manchas, marcas e cicatrizes, vestígios mais externos da corporeidade que se expande para fora dos seus limites. Territórios da (ina)cessibilidade característica do corpo. A pele, enquanto órgão, tem um inevitável limite carnal, mas é elástica e se modifica a todo tempo, mesmo a natureza impondo seus limites, ela se permite e se inventa a própria pele. Assim, somos tomados por essa ética do cotidiano epidérmico do descobrir e perceber os limites do corpo, trazido nas fotografias de seu próprio corpo, de John Coplans, que são ao mesmo tempo o limite do tempo e da própria vida.

**Figura 7:** Self-Portrait, 1994 de John Coplans.



Fonte: site do artista<sup>11</sup>.

Nos autorretratos, Coplans apresenta, em sua embaraçosa identidade e intimidade, as suas codificações do tempo desprovidas de vaidade, e, nesse invólucro encena o tempo versus a forma, a vida versus morte. A pele como uma paisagem transitória em metamorfose. A pele é efêmera, corpo transitório, um excerto do mundo contingente e errante. Na pele se inscreve fluxos da vida, movimentos de expansão e transformação.

Esta evidência não é exclusiva ao corpo humano, é partilhada pela vastidão dos diversos corpos vivos e não vivos do mundo, porque todos têm uma superfície protetora (barreira, fronteira, casca: a pele que o mundo tem) — que separa o interior e o exterior de todos os corpos (Castro, 2022, p. 2).

A pele como paisagem, ela é a interface entre nós e o mundo, é muitas vezes nosso próprio ambiente, um veículo de passagem, registro e ao mesmo tempo identidade. Para Cauquelin (2007), a própria noção de paisagem é uma construção, que tem influência da história da arte, dos artistas e de imaginações.

---

<sup>11</sup> <https://www.johncoplanstrust.org/>

**Figura 8:** Capturas da natureza.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

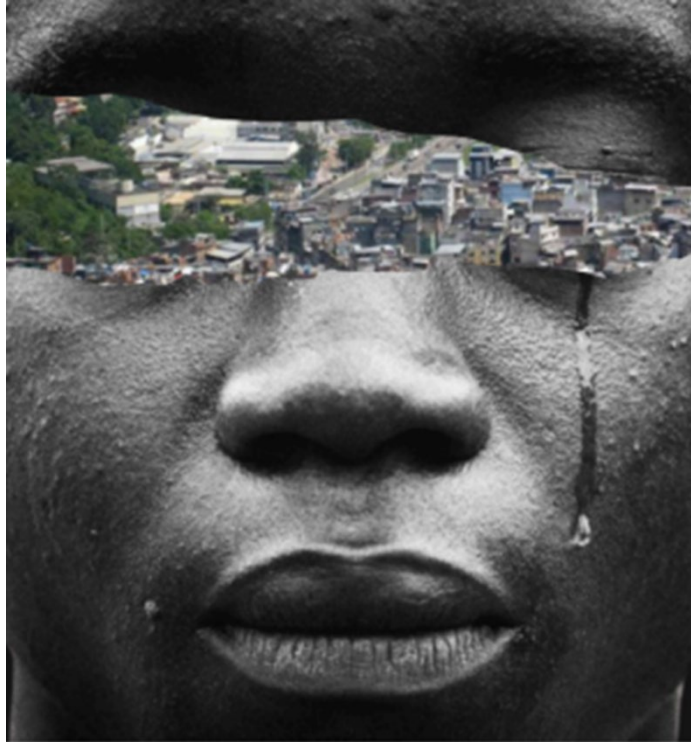
**Figura 9:** Capturas da natureza. Elaboração dos alunos da Universidade de Lleida - Espanha.



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Pensar a pele como paisagem é um modo de aterrar, “lógica que poderíamos dizer do ‘terceiro incluso’”, onde o branco e o negro são indistintos, onde o belo coexiste com o feio, o dentro com o fora, o "bom objeto" com o mau... (Guattari, 2001, p. 38) através da possibilidade de produzir conhecimento também a partir do encontro, do toque e dos processos.

**Figura 10:** Ecologias da pele, produção dos alunos de licenciatura em Biologia - UEFS.



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Ashley Montagu (1986), em seu livro *Tocar – o significado humano da pele*, descreve a pele como o primeiro e o principal órgão de comunicação humana, sendo uma porção exposta do sistema nervoso – lugar fundamental para todo desenvolvimento do que entendemos como afeto.

### **Expandir a pele, esculpindo para ela últimos contornos.**

A pele, nas suas composições de cores, formas, tamanhos, texturas, é a base, esteio e estrutura onde experimentamos essa escrita, aprofundando os vínculos entre a arte contemporânea e o corpo humano (entendido em suas dimensões biológica, social, psicológica) e escapando das dicotomias impostas entre o que seriam passagem, corpo e território.

Assim, aportamos diferentes obras de arte, que são pontos de partida para pensar nas dimensões corporais/estéticas/subjetivas do corpo e planejar novas construções, intentar outros movimentos de retrações e expansões das insubstituíveis marcas de vida e do tempo.

Apresentamos a pele como uma passagem entre o eu e o outro, algo que liga o corpo ao mundo. Apresentamos uma escrita tátil que tenta atravessar a dimensão conceitual e territorial da paisagem. Exploramos os feixes metafóricos de entender a pele como uma pa(i)sagem, tal

olhar nos possibilita um modo de pensar o corpo como um lugar de experiência multissensorial/multidimensional.

A pele surge aqui como um intervalo/passagem/corte profundo entre o que é singular e o que é múltiplo, entre o Eu e o idealizado, onde o Eu-pele-corpo-órgãos deixa de ser apenas camadas dérmicas para fazer vibrar algumas possibilidades de produção de alteridade consigo e com o mundo.

### Referências

CASTRO, M. I. **O estranho em mim**: pele enquanto fronteira. 2022. 194f. Dissertação (Mestrado em Pintura) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022.

CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COCCIA, E. **Metamorfoses**. Trad. M. Deschamps e V. Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. Trad S. Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2001.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

LAZZARATO, M. Produção de subjetividade e ruptura (política). In: LAZZARATO, M. **Signos, máquina e subjetividades**. São Paulo: Sesc; n-1 edições, 2014, p. 13-24.

MONTAGU, A. **Tocar**: o significado humano da pele. 10. ed. São Paulo: Summus, 1986.

RAMOS, N. **Cujo**. São Paulo: Editora. 34, 1993.

ROLNIK, S. **Uma insólita viagem à subjetividade**: fronteiras com a ética e a cultura. São Paulo: Núcleo de estudos da subjetividade, 1997. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2025.

UNO, K. **A gênese de um corpo desconhecido**. 2ª. ed. São Paulo: n-1 edições, 2012.

ZANCO, N. **Cartografias sentimentais na pele**: desejos, tatuagens e subjetividades contemporâneas. 2017. 119f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

### Sobre o autor e as autoras

**Antonio Almeida da Silva**: Professor titular da Universidade de Feira de Santana. Pesquisador do Grupo de pesquisa Carta-imagem e professor do PPGE/UEFS. Departamento de Educação -UEFS. *E-mail*: aasilva3@uefs.br

**Glòria Jové Monclús:** Professora de la Facultad de Educación, Psicología y Trabajo Social de la Universidad de Lleida. Departamento de Ciencias de la Educación.

*E-mail:* jovegloria@gmail.com

**Mariane Schmidt da Silva:** Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO) - Faculdade de Educação.

*E-mail:* marianessh@gmail.com

Recebido em: 22 de fevereiro de 2025

Aprovado em: 21 de abril de 2025